

Comentário do Gestor

Os ativos de risco tiveram boa performance em setembro, impulsionados pelo início do ciclo de cortes de juros pelo FOMC. Dados recentes, tanto de inflação, como mercado de trabalho, vem recorrentemente mostrando desaceleração. Apesar das taxas de inflação ainda estarem acima da meta, caminham confortavelmente em direção ao alvo, e receios de queda mais forte na atividade incentivaram o Fed a começar cortando mais agressivamente, com 50 bps. Além disso, outro fator que gerou otimismo no mês foram as medidas mais contundentes por parte da China para ajudar sua economia, em especial o setor imobiliário, e continuar a busca de um PIB com crescimento anual de 5%.

A curva americana de juros experimentou forte fechamento com a precificação de um Fed mais agressivo, principalmente nos vértices mais curtos, que são mais ligados à política monetária, com o vértice de 2 anos fechando 28 pb (pontos-base), e o de 10 anos, 12 pb, terminando o mês em 3,78%. No mercado de renda fixa, os principais índices tiveram desempenhos mistos, com o CDS brasileiro (risco país) abrindo de 150 pb para 153 pb, o *spread* dos títulos americanos de alto rendimento (*US High Yield*) abrindo de 322 pb para 329 pb, e o *spread* do índice dos bonds corporativos da América Latina, fechando de 393 pb para 381 pb. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) recuou 0,9% no mês, em linha com valorização do Yen de 1,7% e do BRL de 2,8%. Em relação aos mercados acionários, os índices apresentaram alta: S&P 500 a +2,0% e Nasdaq avançou 2,7%. O benchmark de volatilidade do S&P 500 (VIX) recuou de 15,00 do mês anterior para 16,73 no fechamento de agosto. No Brasil, o Ibovespa teve queda de -3,1% por receios sobre a saúde fiscal.

Nos Estados Unidos, os dados de inflação continuam registrando números melhores que o esperado, a caminho da meta de 2%. O PCE, favorito do Fed, veio melhor que o esperado, a 2,2% a/a em agosto (consenso de 2,3% a/a), em queda frente 2,5% a/a do mês anterior. O núcleo persiste em níveis mais elevados, em elevação de 2,6% a/a para 2,7% a/a, como esperado. Já o CPI veio em linha com as estimativas e registrou 2,5% a/a em agosto, de 2,9% a/a de julho, enquanto o núcleo, também resiliente, se manteve em 3,2% a/a, também em linha com expectativas. A outra variável observada pelo Fed, o mercado de trabalho, continua desacelerando, apesar do mais novo dado, referente à setembro, que mostrou criação forte de vagas, 254 mil contra consenso de 150 mil vagas e 159 mil vagas do mês anterior. Sobre este dado em específico, bom pontuar a alta volatilidade do payroll, e os

dados recentes do JOLTS, com mais vagas abertas que o esperado, ratificam a descompressão da demanda por trabalho frente a oferta.

Assim, o cenário para o início de cortes pelo Fed ficou claro, mas existia dissenso sobre o tamanho da alta, 25 bps ou 50 bps. Os receios de recessão, tanto na economia americana, como algo mais global, explica a opção por 50 pb pela autoridade monetária. O PIB forte dos EUA repeliu os receios de contração, ao, em sua terceira revisão, ratificar crescimento anualizado de 3,0% t/t, acima do consenso de 2,9% t/t. A produção industrial e vendas no varejo também mostraram a força da economia americana, ao registrar 0,8% m/m em agosto, contra consenso de 0,2% m/m, e 0,1% m/m, ante -0,2% m/m esperado, respectivamente.

No Oriente Médio, a escalada de tensões e possibilidade de Israel e EUA danificarem instalações de petróleo iranianas, reduzindo oferta global de petróleo, reverteu toda queda do Brent de setembro nos primeiros dias de outubro. A elevação da oferta de barris por países latinos e introdução de novas fontes de energia vem contrabalanceando a redução de oferta da OPEP. Assim, potencial redução da oferta iraniana não deve ter efeito permanente nos preços da commodity.

Já na Europa, investidores revisaram o ciclo de cortes pelo BCE, e agora cobram cortes seguidos pela instituição, que cortou neste mês 25 bps, em linha com consenso. Além do CPI, que veio a 1,8% a/a, de 2,2% a/a do mês anterior (núcleo a 2,7% a/a), e PIB a 0,2% t/t contra consenso de 0,3% t/t, um artigo de Mario Draghi sobre competitividade europeia abriu a porteira para um BCE mais agressivo. Neste artigo, diz que a Europa está ficando para trás, com menor produtividade, pouco investimento em IA e alta necessidade de transição para energia verde.

Na China, parece que o Governo abriu a caixa de ferramentas de verdade. Após dados de atividade mais fracos que o esperado, como produção industrial e vendas no varejo bem abaixo do esperado, e a incessante meta de manter o PIB em torno de 5% ao ano, foram anunciadas medidas em várias frentes, num ímpeto não observado recentemente. Corte de juros, condições mais favoráveis para financiamento imobiliário e diminuição de margens para compra de ativos financeiros foram algumas das medidas. Além disso, o Politburo, comitê executivo do partido comunista, em reunião surpresa, frisou o senso de responsabilidade e urgência para apoiar a economia no momento de dificuldade, em um cenário de setor imobiliário claudicante, queda da natalidade e desemprego recorde entre jovens.

Pela América Latina, os principais bancos centrais continuaram seus ciclos de corte: o BanRep colombiano cortou 50 bps, em linha com estimativas, o Banxico cortou 25 bps, também em linha, e o

Banco Central do Chile cortou 25 bps. Na direção contrária, o COPOM subiu os juros em 25 bps, citando a assimetria no balanço de riscos, por desancoragem das expectativas de inflação, inflação de serviços resiliente e políticas que geram inflação, tanto globais como no Brasil. Além disso, a autoridade foi pressionada pelo mercado devido ao panorama fiscal ruim, principal motivo de crítica. Em oposição a esse consenso do mercado, a Moody's elevou o rating do Brasil de Ba2 para Ba1, citando um PIB melhor do que anteriormente previsto, sem dar muito enfoque ao fiscal.

No Brasil, o IPCA registrou 4,24% a/a, abaixo do consenso de 4,27% a/a, e dados da atividade, como vendas no varejo e IBC-Br, registraram números superiores ao consenso de mercado. Porém, o endividamento continua a se elevar, sem perspectiva de melhora de trajetória, devido a um fiscal mais relaxada. Os estímulos fiscais recentes e pagamentos de precatórios ajudam a atividade, assim como deterioraram o fiscal do país. O Governo vem “empurrando com a barriga” a situação fiscal, trabalhando no limite inferior da meta fiscal, torcendo por surpresas positivas, que vêm acontecendo, principalmente do lado da atividade.

Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 1,64% no mês, ante CDI de 0,83%. Nos últimos 12 meses, o fundo valorizou 17,08%, contra um CDI de 11,06%, equivalente a 154% do CDI. A volatilidade para esse mesmo período foi de 3,21%. O fundo está com sua duration consolidada em 4,7 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 6,81% em dólares. As maiores posições do fundo são: Brasil (soberano), Cosan, Minerva, Suzano e Tupy.

Salientamos que o fundo está bem posicionado para enfrentar os desafios de curto e médio prazos e que nossa gestão continua especialmente ativa, pronta para agir caso o cenário corrente se desvie de nossas expectativas.

OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado II FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu PL nas cotas do Octante Crédito Privado Master FIM IE, que tem como objetivo rendimentos superiores ao CDI no longo prazo, através de investimentos em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	56,00%	43,73%	128%
Últimos 12 meses	17,44%	11,06%	158%
set-24	1,68%	0,83%	202%
ago-24	1,85%	0,87%	213%
jul-24	1,51%	0,91%	166%
jun-24	0,36%	0,79%	46%
mai-24	1,60%	0,83%	193%
abr-24	-0,81%	0,89%	-
mar-24	1,39%	0,83%	167%
fev-24	1,39%	0,80%	174%
jan-24	0,22%	0,97%	23%
dez-23	3,68%	0,90%	409%
nov-23	3,77%	0,92%	410%
out-23	-0,37%	1,00%	-

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2024	9,56%	7,99%	120%
2023	13,78%	13,05%	106%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,76%	4,40%	108%
2020*	5,54%	0,36%	1542%

*desde 22/10/2020

INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 250.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração*	1,00% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+28 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	45546-8
CNPJ	35.727.113/0001-78
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC II FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BR05L4CTF000

*Taxa de administração total de 1.01% a.a., sendo 0,51% a.a sobre o Octante Crédito Privado II FIC FIM IE, acrescido de 0,50% sobre o Octante Crédito Privado Master FIM IE

As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

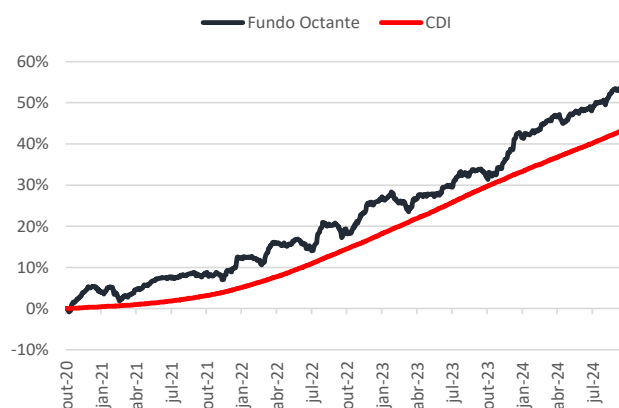
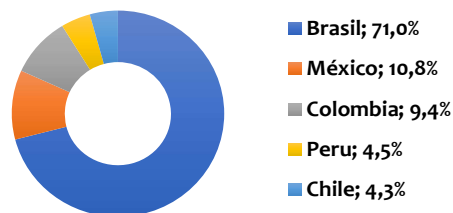
Octante Capital
 Rua Beatriz, 226 - - São Paulo - SP - CEP 05445-040
 Telefone (11) 3060-5250 | www.octante.com.br


PÚBLICO ALVO

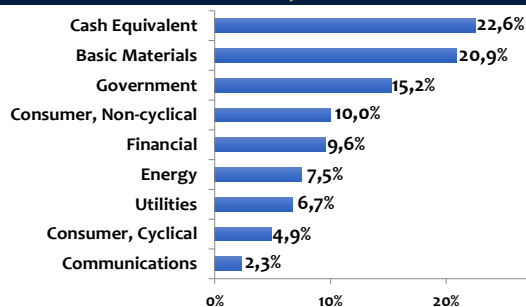
O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	70,8%
% de Meses de Retorno Negativo	29,2%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	2,29%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	3,18%
Índice Sharpe 12 meses	2,01
Valor da Cota em 30 de Setembro de 2024	6.840,46
PL em 30 de Setembro de 2024	64.025.845
PL Médio (12 meses)	62.848.479
PL do Master em 30 de Setembro de 2024	114.873.659
Yield da Carteira de Bonds em USD	6,81%
Duration Média Consolidada	4,70 anos

RENTABILIDADE HISTÓRICA

COMPOSIÇÃO POR PAÍS


Composição por país da carteira de bonds

COMPOSIÇÃO SETORIAL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Octante Capital
 Rua Beatriz, 226 - - São Paulo - SP - CEP 05445-040
 Telefone (11) 3060-5250 | www.octante.com.br

